

CONSIDERAÇÕES

É possível observar, com base no estudo sobre as *denominações*, que os dicionários gerais e etimológicos apresentam apenas definições, sem uma estrutura ideológica. A maioria das lexias expressa relação com o significado primitivo, apesar de haver modificações.

Há presença de formas já consagradas no uso geral da língua, assim como relação de semelhança e de dessemelhança entre os signos, a exemplo de *mestre*, *calão de fora*, *calão de terra*, *moço*, *pé de banco*, e outras. Algumas formas não se encontram registradas ou, mesmo, quando registradas nos dicionários exigem interpretações, a partir do grupo de pesca, a exemplo de *calão de dentro*, *calão de fora*, *pé de banco*, *moço raso*, *moço profissional*, entre outras. Embora o vocabulário dos pescadores seja restrito, de acordo com a simplicidade de vida e a necessidade de expressão dos que falam, não significa dizer que sejam elementos menos conceituais, pois as significações são abstratas e concretas.

Os resultados deste estudo indicam, ainda, ser possível verificar a origem de algumas denominações com base na investigação de textos antigos. Por exemplo, *moço* tem sua origem no século XIII, aproximadamente; *abaixador*, no século XIV; *chumbeiro*, no século XVI. Há um número expressivo de unidades dicionarizadas, porém, nem sempre o significado corresponde ao da língua de especialidade em uso, na comunidade de Baiacu.

Em relação ao sentido de base, o campo onomasiológico de PESCADOR demonstra que, a maioria das denominações encontradas dicionarizadas têm a sua origem no latim, em um total de nove; enquanto duas provêm do árabe, duas do provençal, uma do italiano, uma do catalão; e de origem controversa, apenas uma.

Em se tratando do campo de APETRECHOS, foram detectadas denominações, na sua maioria, de origem latina, e de origem francesa são: *balaios*, *escôta*, *mastro*, *boné* e *chapéu*; de origem inglesa, *bermuda*, *freezer*; de origem duvidosa, *sapato*, *traquete*, *camboa*, *balde*, *cocho*, *espicha*, *caçoar*, *barandar*; do tupi, *cuia*, *cambito*, *jiquí*; do grego, *cesta*, *lanterna*; do árabe, *cofo*; de origem tamumalaia, *calão*; de origem árabe, *tarrafa*; *lamparina*, do castelhano; *manzuá*, talvez de origem africana. *Rapa*, provém do gótico;

jererê é um brasileirismo; *barco* é de origem hispânica; *canoa*, do aruaque; *saveiro*, de origem céltica, e *lampeão*, do italiano.

Encontram-se dicionarizadas neste campo de APETRECHOS, as lexias *vela*, *pano*, *traquete*, *calão*, *arrasto*, *camboa*, *caçoera*, *rede*, *tarrafa*, *barco*, *canoa*, *saveiro*, *purãozinho*, *agulha*, *facho*, *candeeiro*, *lanterna*, *lampião*, *espadela*, *maceta*, *estopa*, *cunha*, *mastro*, *verga*, *gancho*, *espicha*, *remo*, *gaiola*, *tarrafa*, *pesqueiro*, *caçoar*, *anzol*, *rede*, *isca*, *manzuá*, *rapa*, *jererê*.

Das denominações analisadas, muitas são as que se encontram dicionarizadas, das 124 (cento e vinte e oito) unidades, 82 (oitenta e dois) se encontram registradas, enquanto 51 (cinquenta e um) não registradas. Observou-se, do mesmo modo, novos termos estão sendo incorporados na comunidade, como inovações, alguns estão em desuso, e outros apresentam extensão semântica, ressemantização.

Algumas das denominações são formadas com base no que já pertence na língua, os pescadores fazem associação a objetos conhecidos. Fato que retoma ao que foi ressaltado por Coseriu (1980), quanto às linguagens técnicas profissionais, onde os significados coincidem com as denominações e pertencem à tradição. Referem-se ao conhecimento das coisas e isso não vale apenas para as linguagens das ciências e das técnicas constituídas, mas também para o léxico da ciência e técnica populares, porque extrapolam o saber lingüístico como tal e implicam um saber relativo às próprias coisas.

Essas lexias não são suficientemente familiares a todos os falantes de uma comunidade lingüística, mas tão somente a certos grupos e, por outro lado, é perfeitamente possível conhecer bem uma língua e desconhecer as denominações de flores ou de peixes.

Depreende-se, desse modo, que as denominações de pesca encontram-se relacionadas às necessidades, ao exercício da profissão. A língua, como um sistema adaptável ao homem social que se reúne em grupos e esses grupos utilizam a língua em diferentes categorias a partir da organização e divisão de trabalho.

Santos (2004), ao citar D'Onofrio, afirma que é no nível da ação laborativa que se dá a correspondência mais significativa entre o sistema da língua e o sistema da cultura material, em razão de que as ações se atualizam graças a um conjunto de convenções que uma dada época histórica julgou necessário observar, graças a uma valoração coletiva que lhe atribuiu um sentido.

Segundo Coseriu (1979, p. 117-8), na língua não há campos autônomos e não comunicantes, mas uma íntima solidariedade entre o que é fônico, o que é gramatical e o que é lexical. Na perspectiva diacrônica, significa dizer que uma mudança em qualquer um dos aspectos repercute em todo o sistema. Há interdependência dos elementos num sistema lingüístico.

Os resultados desta investigação sugerem interdependência entre as unidades lexicais, sem contudo, mostrar-se relação biunívoca. A mudança ocorre nas duas estruturas onomasiológicas e semasiológicas. Nesse sentido, os resultados desse estudo indicam que há traços mais gerais, os membros são mais centrais e outros periféricos. A diferença entre ambos reside na frequência com que eles são usados. Os traços conceptuais revelam a necessidade do fator extralingüístico para entender o termo.

A análise empreendida retrata, entre outros aspectos, a modernização dos meios de produção e incorporação de termos como *plástico*, *naylon*, *metro*, que coexistem com *panduió*, *traquete*, *braça*, *barandá*, *cofo*, *cuia*, *salto*, *calão*, *cortiça*, entre outros. Embora os mais jovens desconheçam algumas denominações mais antigas, a incorporação de novos elementos lingüísticos à pesca artesanal não desestrutura essa língua. Observa-se que a língua do grupo social da pesca apresenta características distintas, ligadas à cultura, aos modos de vida, à atividade econômica e técnica do grupo. Pode-se até perceber que há “estratificações sociais” relacionadas com a língua.

Espera-se que o trabalho tenha contribuído para os estudos léxico-semânticos, e em um futuro próximo pretende-se ampliar a pesquisa a respeito das denominações da pesca baiana, especialmente, no que tange à questão fundamental das *metáforas da maré*.

O desenvolvimento dessa nova pesquisa justifica-se também para esclarecer incertezas e dúvidas diante dos estudos da linguagem e cognição, uma das preocupações atuais no estudo da língua.

O que se oferece a partir desta Dissertação é apenas uma pequena amostra da vasta rede do fenômeno lingüístico e experiencial que o vocabulário de pesca oferece aos estudiosos da língua. É um trabalho inconcluso, mas que sugere novas perspectivas de investigação.